

LITERATURA E VIDA SOCIAL: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO CONTO “FELIZ ANO NOVO”, DE RUBEM FONSECA

Gabriela Brasilino de Melo Simões¹

Brenda Carlos de Andrade²

RESUMO

Para chegar à conjuntura atual, a sociedade passou por inúmeras modificações coletivas e edificou-se mediante a binarismos responsáveis por organizar as relações sociais. Hodiernamente, torna-se perceptível que essas relações influenciam no funcionamento da coletividade e refletem na construção das obras literárias. Em vista disso, o presente trabalho possui como objetivo analisar o conto *Feliz Ano Novo* (2012), de autoria Rubem Fonseca, sob a perspectiva da sociologia da literatura, de forma a se mostrar presente a influência do externo em detrimento ao interno. Igualmente, se tem como objetivo apresentar o contexto dos personagens socialmente marginalizados, os quais, inseridos em uma situação de extrema pobreza, recorrem à violência brutal para garantir os seus subsídios básicos. Com base nisso, a pesquisa, de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa, está embasada em pressupostos teóricos que buscam resgatar o diálogo existente entre sociedade e literatura com Antonio Candido (2006), Carneiro e Rodrigues (2017) e Otsuka (2009), nos fundamentos que apresentam o conceito de dialogismo construído por Mikhail Bakhtin (2003) e nas noções que também resgatam os conceitos de sociedade, cultura e classes sociais discutidas por Homi Bhabha (1998). À luz deste exposto, o trabalho possui como motivação evidenciar o cenário socialmente discriminatório presente na sociedade e a forma como essa circunstância influencia na ficção, dado o seu constante processo dialético entre externo e interno. Ademais, toma-se como justificativa o ato de

1 Mestranda de Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, gabrielabrasilino4@gmail.com;

2 Professora orientadora: Doutora da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, brenda.carlosdeandrade@gmail.com

observar a narrativa fonsequiana com base na perspectiva de denúncia social, de maneira que seja observado o contexto daqueles que vivem às margens da sociedade e acreditam na violência como único meio para sobrevivência.

Palavras-chave: Sociologia da literatura; Vida social; Feliz Ano Novo; Rubem Fonseca.

INTRODUÇÃO

É notório que a construção da sociedade se manifesta através de uma pluralidade social responsável por organizar as relações entre os indivíduos. A partir desta organização, que tende a privilegiar os não pertencentes à minoria socialmente discriminada, é possível identificar um processo de dinâmica social que segrega a elite dos marginalizados. Desta forma, essa segregação move a sociedade e torna-se influenciadora na vida dos desfavorecidos, de modo que sejam privados de oportunidades básicas para sobrevivência. Por conseguinte, conforme essa circunstância demonstra-se presente na rotina da sociedade, as artes, conseqüentemente, são influenciadas. Na literatura, a título de exemplo, a coletividade expressa-se por meio da descrição do espaço e dos residentes desta conjuntura, certificando assim a influência que o externo detém sobre o interno.

Por esse motivo, o presente trabalho possui como objetivo analisar a obra *Feliz Ano Novo* de autoria Rubem Fonseca sob a perspectiva da sociologia da literatura, para assim demonstrar a influência que o externo detém sobre o interno. A partir da análise da obra, também se toma como objetivo retratar a vida dos personagens socialmente marginalizados, para assim destacar que a violência se manifesta presente na rotina desta parcela da população. Além da violência, praticada no intuito de se obter os subsídios básicos para sobrevivência, igualmente evidencia-se a situação de extrema pobreza que os personagens se encontram inseridos.

Para tanto, o trabalho encontra seu fundamento na busca por evidenciar que o cenário de desigualdade social torna-se um dos principais motivadores da violência urbana e, conseqüentemente, acarreta na construção das obras literárias, pois apresentam-se inseridas em um constante processo dialético do externo com interno. Além disso, a motivação para a pesquisa surge, uma vez que, a partir das experiências de vida e ideologia do escritor, sua narrativa segue por um caminho de denúncia social, a qual existe em razão do contexto de violência e exclusão que é atribuída às pessoas socialmente marginalizadas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa, busca embasamento teórico em Antonio Candido (2006), Carneiro e Rodrigues (2017) e Otsuka (2009) para discutir acerca do diálogo existente entre sociedade e literatura; Mikhail Bakhtin (2003) para resgatar o conceito de dialogismo, a fim de se entender o processo dialógico existente entre

externo e interno; e, Homi Bhabha (1998) para conceituar sociedade, cultura e classes sociais, no intuito de se obter um melhor entendimento do funcionamento da coletividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para se chegar à construção da sociedade vigente, diversas modificações sucederam-se no decorrer dos séculos. *A priori*, é importante destacar que a organização do mundo manifesta-se através de noções hegemônicas que, desde o princípio, segmentam a coletividade em grupos fundamentados em relações binárias, como: civilizado *versus* bárbaro, homem *versus* mulher, branco *versus* negro, elite *versus* marginalizado, dentre outros binarismos responsáveis pela conjuntura dos indivíduos. Em virtude desta construção social, destaca-se o fato de que:

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito - de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. (BHABHA, 1998, p. 19)

À luz deste exposto, pode-se observar que diversos âmbitos da sociedade estão configurados de acordo com a cultura hegemônica em vigor, excluindo a representação daqueles considerados como minoria. Consoante Candido (2006, p. 51), esse fato demonstra que “o ponto de vista preponderante nos estudos filosóficos e sociais quase até os nossos dias foi, para usar uma expressão corriqueira, o do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros”. Com base nisso, durante muito tempo a realidade dos indivíduos sócio-historicamente privilegiados se fazia presente nos aspectos de constituição da sociedade, tal como nas artes. Na literatura, a título de exemplo, era comum existir a ilustração da burguesia dentro dos romances, uma vez que essa parcela da população na época vigente era considerada um exemplo de postura a ser seguida.

Contudo, no atual contexto, ainda que os binarismos persistam nos diversos setores da sociedade, agora convivem com a acentuada movimentação dos grupos minoritários e marginalizados, que manifestando diferentes culturas na organização hegemônica, corroboram com o surgimento do hibridismo cultural nessas sociedades.

No que tange à literatura, anteriormente resgatada como exemplo desta estruturação, também recebeu modificações que se adequam ao contexto de novos modelos sociais, visto que, conforme Carneiro e Rodrigues, (2017, p. 95) “[...] para entender uma obra literária é necessário fundir texto e contexto, levando em consideração o diálogo entre ambos, pois o social é um elemento que desempenha um papel importante na construção do texto.” Dessa maneira, o meio tornou-se um dos essenciais objetos de análise para se entender as obras literárias e, conseqüentemente, sua estilística. Para tanto, o ramo de estudo da sociologia da literatura surgiu oferecendo ferramentas importantes para a compreensão do diálogo que existe entre externo e interno, isto é, meio e obra.

Fundamentado, assim, neste ramo de estudo, Antonio Candido teceu significativas ponderações responsáveis por assimilar a influência da sociedade na literatura. A princípio, o crítico literário brasileiro trouxe a noção de que:

[...] para não ser acusada de onívora e totalitária, a sociologia não pode pretender o lugar da teoria literária. Embora possa constituir um elemento importante para a análise estrutural, o que propriamente lhe cabe são os aspectos sociais da criação, da apreciação, da circulação das obras. (CANDIDO, 2006, p. 58)

Por conseguinte, os panoramas sociais trabalhados no processo de criação demonstram importância no desenvolvimento da análise literária, visto que a construção da obra também ilustra as estruturas vigentes da sociedade, como os modos de vida e as classes sociais. Assim sendo, neste processo dialógico entre externo e interno, as influências desses aspectos e desses grupos servem para entender que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, com os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348)

Desse modo, com base nesse processo dialógico, a relação entre a estrutura da obra e o social pode ser observada, levando em consideração o fato de que “[...] os textos estão em constante diálogo com a tradição, sofrendo influência tanto de fatores sociais como de outros textos.” (CARNEIRO;

RODRIGUES, 2017, p.92). Sendo assim, a sociologia da literatura busca traçar o diálogo existente entre texto e contexto, de modo que todos os fatores que norteiam a obra sejam observados, como a passagem de tempo e a mudanças no espaço.

Entretanto, é válido destacar que uma obra não pode simplesmente ser observada pelos seus aspectos sociais, mas sim precisa ser colocada em uma posição de soma destes com os seus elementos estéticos, para que assim ambos se convertam em um fator de construção artística notável, visto que “não se trata, portanto, de apenas remeter ao contexto genético da obra, mas sim de apresentar a articulação precisa entre a forma artística e a estruturação do processo social correspondente, investigando suas mediações.” (OTSUKA, 2009, p. 107). Ainda, é importante destacar que, de acordo com Candido (2006, p. 61) “Esquematizando, diríamos que, no limite, as formas eruditas de literatura dispensam o ponto de vista sociológico, mas de modo algum a análise estética; enquanto as suas formas orais dispensariam a análise estética, mas de modo algum o ponto de vista sociológico.” Posto isto, com base nesta conexão sócio-artística, ainda segundo o crítico brasileiro (CANDIDO, 2006), por mais que exista alguma segregação do social e da estética, a compreensão da realidade deve existir visando uma interpretação da estética que abrange a dimensão social, de forma que ambas caminhem em conjunto e não separadamente, como ocasionalmente ocorre em algumas obras. Desse modo, baseando-se nesta articulação com a dimensão coletiva, cenários com representatividade social poderão ser observados, em grau maior, na literatura moderna e contemporânea, pois tendem a conter mais traços socialmente críticos, resgatando corriqueiramente temáticas literárias pautadas na divisão sexual, desigualdade social, violência e relações de poder. É digno de ressalva que essas temáticas aparecem principalmente na literatura moderna e contemporânea, uma vez que os textos colocaram de lado o foco pela representação da burguesia e passaram a ilustrar outras facetas da coletividade, como os cenários sexistas, violentos, periféricos e de cultura popular.

Destaca-se o fato de que, além das influências anteriormente já mencionadas, as obras também recebem outros tipos de mediações, como o diálogo existente entre autor, obra e público. No que diz respeito a este diálogo, evidencia-se que “eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” (CANDIDO, 2006, p. 30). Em vista disso, neste processo dialógico entre o externo e interno, é preciso não somente realizar questionamentos a respeito das relações existentes entre a

obra e o contexto que a envolve, mas também é necessário observar a realidade e as possíveis influências que serão posicionadas diante do autor e como a construção artística será recepcionada pelo público.

No que tange ao autor, é reconhecido como um sujeito cercado de construções e desconstruções ideológicas, das quais em conjunto com os condicionamentos sociais e as modificações espaço-temporais vigentes de sua época, constrói a obra e sua respectiva estética. Para Candido (2006, p. 34), “o que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.”

A obra, por sua vez, de acordo com Candido (2006, p. 40), “depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”, isto é, a ideologia e os condicionamentos sociais que giram em torno do artista resultam no conteúdo de sua criação. Por fim, o público se torna uma das peças mais importantes neste processo de diálogo, pois “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.” (CANDIDO, 2006, p. 48). Em outras palavras, a partir do público, situado em um dado contexto espaço-temporal, a obra ganha vida, podendo receber variadas interpretações que irão se modificar mediante a realidade de cada indivíduo.

Assim sendo, além de estar inserida em um diálogo de texto-contexto, a obra também recebe influências dos condicionamentos sociais e, inclusive, ideológicos, pertencentes aos seus criadores e seus respectivos leitores, formando assim um constante processo de diálogo entre autor, obra e público. Para Candido (2006):

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 2006, p. 63)

É válido salientar que esse processo dialógico torna-se pertinente, pois resgata a noção de pluralidade da obra literária. Analisar, portanto, essa pluralidade com base no contexto em que a obra está inserida demonstrou ser um dos interesses da sociologia da literatura, âmbito dos estudos que recebe cada vez mais destaque entre os escritores e críticos brasileiros, dado que:

Esse foi o primeiro passo para uma nova forma de analisar a nossa literatura, fazendo uma interpretação da sociedade brasileira, estudando as obras literárias como um sistema, ou seja, como um conjunto interligado para entender determinado período, percebendo a formação da continuidade literária, elaborando dessa forma um conceito de sistema literário. (CARNEIRO; RODRIGUES, 2017, p.94)

Portanto, a partir da sociologia da literatura, pode-se constatar a influência do externo sobre interno e o diálogo existente entre autor-obra-público, de forma que diversas facetas da sociedade sejam apresentadas, incluindo a plural realidade brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto *Feliz Ano Novo*, oriundo de uma coletânea de contos de mesmo nome, foi publicado pela primeira vez no ano de 1975 pelo escritor Rubem Fonseca, o qual, por meio de uma perspectiva de denúncia social, ilustra a vida de alguns jovens assaltantes residentes do estado do Rio de Janeiro. O autor, que dentre inúmeros trabalhos, aprofundou-se na literatura e, em especial, na construção de contos, romances e crônicas, ficou conhecido por sua ficção cosmopolita, que mediante uma visão ideológica do escritor, busca representar a violência nos grandes centros, praticadas e acometidas tanto por parte da elite, quanto por parte dos marginalizados. Destaca-se o fato de que as experiências de vida e, conseqüentemente, as perspectivas ideológicas adquiridas por Rubem Fonseca no decurso de sua carreira, o fizeram construir suas obras com base no retrato da sociedade, o que para Candido (2006, p.35) certifica que as “[...] forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor”. Igualmente, é importante evidenciar que a publicação da coletânea de contos em questão ocorreu no auge da ditadura militar brasileira, momento em que a censura era responsável pela proibição da circulação de inúmeras obras, abrangendo também a própria coleção de contos de Fonseca. Assim sendo, a proibição dessas obras se deu devido às modificações que a literatura brasileira estava apresentando, principalmente no que diz respeito às críticas sócio-políticas efetuadas. De acordo com Otsuka (2009):

O período pré-1964 foi, como se sabe, de acirramento da luta popular e intensa politização das artes, dinamizada pelas transfusões de experiência social, no contato de intelectuais e estudantes com camponeses e operários. Aquele movimento representava uma aliança de classes nova, que possibilitou

certa descompartimentação no plano da cultura, mas que no plano político tinha limitações, como o golpe de 1964 iria mostrar. (OTSUKA, 2009, p. 109)

No que tange ao conto *Feliz Ano Novo*, o retrato social é guiado, de forma cronológica, através das ponderações do narrador-personagem e, consequentemente, autodiegético, que segundo Aguiar e Silva (2007) narra a história com base em seus condicionamentos e ideologias. É importante destacar que o narrador-personagem não se identifica no decorrer da história, o que torna possível, ao leitor, relacionar a não exposição de seu nome como um mecanismo de não reconhecimento, visto que o protagonista se apresenta como a autoridade e mandante dos assaltos. Além do narrador, o desenrolar da trama recebe auxílio dos coadjuvantes Pereba, Zequinha e Lambreta, participantes efetivos das investidas planejadas pelo narrador-personagem, e Dona Candinha, fornecedora de alguns armamentos.

Tendo em vista que “[...] sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana [...]” (CANDIDO, 2006, p. 31), é possível observar que através do conto ocorre um processo dialógico entre literatura e sociedade, pois, a partir da representação do externo, é possível realizar a construção do interno nas suas mais variadas minúcias, tais como espaço e personagens. Diante disso, para se realizar uma análise da sociedade com base na literatura, é importante evidenciar que “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 2006, p. 14). Para tanto, as particularidades que constituem as obras, como, por exemplo, no conto *Feliz Ano Novo*, precisam estar em diálogo com as concepções norteadoras da sociedade, uma vez que, de acordo com Carneiro e Rodrigues (2017), a estética está vinculada ao social.

Diante disso, inicialmente no conto torna-se possível identificar características que retomam a sociedade brasileira contemporânea, a começar pela linguagem utilizada. É digno de ressalva que em uma obra, segundo Candido (2006, p. 40), “[...] os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma.” Sendo assim, por se tratar de jovens que moram na periferia, a comunicação apresenta-se mediante a uma linguagem informal e cotidiana, que ao ser empregada pelo autor, transmite o contexto ao qual os personagens estão inseridos, de forma que gírias e dialetos específicos do ambiente e época sejam evidenciados:

Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.

Vai mijar noutra lugar, tô sem água.

Pereba saiu e foi mijar na escada.

Onde você afanou a TV? Pereba perguntou.

Afanei porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba Você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo? (FONSECA, 2012, p.8)

É importante observar que Rubem Fonseca possui a particularidade de escrita reconhecida pela linguagem informal e obscena. Esse fato transporta o leitor a realizar uma comparação com as literaturas anteriores à época moderna, pois, em sua grande maioria, narravam as histórias através de eufemismos, enquanto a ficção fonsequiana opta pela linguagem clara, obscena e violenta, retratando uma realidade que muitas vezes pode até ser considerada imoral por alguns leitores.

No que diz respeito ao público leitor, são considerados uma importante agente na relação que existe entre literatura e sociedade, visto que a partir do processo dialético entre autor-obra-público, cada leitor irá processar suas interpretações relativas à narrativa com base em suas respectivas realidades, pois “somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio.” (CANDIDO, 2006, p. 46). Por conseguinte, além de resgatar uma linguagem que não segue os padrões linguísticos e, muitas vezes, é considerada obscena por parte dos leitores, o escritor também apresenta no conto uma linguagem brutal, responsável por ilustrar a realidade violenta em que os personagens estão inseridos, como pode ser observado a seguir: “Os homens e mulheres no chão estavam todos quietos e encagaçados, como carneirinhos. Para assustar ainda mais eu disse, o puto que se mexer estouro os miolos.” (FONSECA, 2012, p. 11). Sendo assim, com base nos trechos supracitados, torna-se visível a temática da marginalidade, encarregada de apresentar uma sociedade edificada e fundamentada na desigualdade social. Em *Feliz Ano Novo*, os personagens encontram-se em situação de extrema pobreza, tendo que recorrer a meios alternativos e desconfortáveis para se ter o básico de suas subsistências:

Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros. [...]

Tô morrendo de fome, disse Pereba.

De manhã a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs, eu disse, só de sacanagem. (FONSECA, 2012, p. 8)

No decorrer do conto, também é possível observar a relação comparativa entre as camadas sociais, de modo que a elite se manifeste como privilegiada e renegada de sacrifícios para sobrevivência, ao contrário do que ocorre com jovens assaltantes:

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem, não faremos nada.

Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço. Filha da puta. As bebidas, as comidas, as joias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro. (FONSECA, 2012, p.11)

Ainda, é possível observar a constante sensação de inferioridade que os personagens do conto vivenciam em relação aos indivíduos representados como a burguesia. Considerando, assim, que “as diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada; elas são os signos da emergência da comunidade concebida como projeto” (BHABHA, 1998, p. 21-22), esse sentimento de inferioridade experimentado por parte dos marginalizados aflora mediante à construção da sociedade estar pautada em diferenças de classe, enaltecendo e privilegiando os socialmente mais favorecidos, como é exemplificado no trecho a seguir: “Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa.” (FONSECA, 2012, p.8). Diante disso, torna-se presente o binarismo entre a elite e os marginalizados, ambos situados em uma sociedade alicerçada ao capitalismo. É válido ressaltar que, em suas obras, o autor Rubem Fonseca, constantemente, busca retratar os dois viés apresentados, isto é, a perspectiva dos mais favorecidos e dos desfavorecidos socialmente. No que diz respeito ao conto *Feliz Ano Novo*, pode-se observar o retrato social baseado na representação daqueles que se encontram às margens da sociedade, de forma que a necessidade de sobrevivência os façam trilhar por caminhos ruins e violentos:

Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa. O mulherio tá cheio de joia e eu tenho um cara que compra tudo o que eu levar. E os barbados tão cheios de grana na carteira. Você sabe que tem anel que vale cinco milhas e colar de quinze nesse intruja que eu conheço? Ele paga na hora. (FONSECA, 2012, p. 10)

No que diz respeito à violência, no conto se manifesta como um dos mecanismos para se efetuar as abordagens e assim garantir o sustento diário dos assaltantes. Assim sendo, a violência praticada pelo narrador-personagem e os seus colegas exprime-se, portanto, de forma brutal ao longo de todo o roubo apresentado na história:

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. (FONSECA, 2012, p.11)

Diante disso, pode-se constatar que a violência expressada na história aparece como um método de denúncia social, comprovando assim a função social que a literatura desempenha na sociedade. A partir da violência descrita, é possível observar também o funcionamento da sociedade contemporânea e dos seus valores, os quais, dado o contexto em *Feliz Ano Novo*, retomam a desigualdade social que vigora na sociedade capitalista. A partir da desigualdade, o único caminho encontrado para sobrevivência dos personagens se apresenta através dos crimes, que além de violentos, são reconhecidos sob uma perspectiva de graciousidade por parte agressores:

Vê como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira. (FONSECA, 2012, p. 11-12)

Nota-se, também, a violência e a repulsa existente entre os jovens e aqueles que deveriam ser responsáveis por representar o poder e a ordem na coletividade, tal como os policiais. Logo, de forma nítida, tanto é presenciado o comportamento de desaprovação por parte dos personagens, quanto o desejo de usufruir da violência sobre os indivíduos de autoridade:

Zequinha pegou a Magnum. Joia, joia, ele disse. Depois segurou a doze, colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o putto de costas na parede e deixar ele pregado lá." (FONSECA, 2012, p. 9)

Similarmente, é importante destacar que a violência praticada pelos personagens do conto não se restringe à agressão física, mas também sexual, de

maneira que as mulheres, desde o início da história, sejam retratadas com objetificação e desrespeito:

Não vais comer uma bacana destas?, perguntou Pereba.

Não estou a fim. Tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto.

E você... Inocência?

Acho que vou papar aquela moreninha.

A garota tentou atralhar, mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá. (FONSECA, 2012, p.12)

O fato acima retoma novamente a influência do externo de forma reflexiva no interno, pois a sociedade além de se ser estruturada com base na violência, igualmente ergueu-se por intermédio de um binarismo sexista que segrega o âmbito masculino do feminino, fazendo com que este seja menos-prezado e objetificado. Por conseguinte, o conto reflete uma situação real que pode ser encontrada no contexto externo à obra, tanto através da linguagem sexista utilizada, quanto por meio das atitudes brutais contra às mulheres que permanecem enraizadas na sociedade desde os seus primórdios.

Em vista disso, no constante processo de diálogo existente entre a diegese e a realidade, a narrativa apresenta um cenário violento e marcado por uma desigualdade social que serve de contexto para representar a sociedade brasileira contemporânea. As ideologias e experiências de vida do escritor Rubem Fonseca também guiam a história, de forma que os resquícios da repressão da ditadura militar estejam presentes. Trata-se de um constante diálogo, não só entre o externo e interno, mas também um diálogo que se estabelece entre o autor-obra-público, afinal, conforme Candido (2006, p. 31), “Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito.” Ainda de acordo com o autor (2006, p. 34), “Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público.” Portanto, o conto *Feliz Ano Novo*, apresenta-se como reflexo de uma sociedade que segrega os marginalizados e, por isso, mediante à crise dos mesmos dentro dessa coletividade opressora, caminhos precisam ser escolhidos para se obter a subsistência. É uma realidade atual e refletida na obra, o que comprova a importância da sociologia da literatura como fator que trabalha o diálogo da esfera literária

com âmbito social e, por consequência, a influência que existe do externo sobre o interno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do conto *Feliz Ano Novo* de autoria Rubem Fonseca, o presente trabalho buscou, mesmo que brevemente, apresentar as contribuições da sociologia da literatura para a construção de uma obra literária. Com base nisso, na análise do conto, tornou-se evidente a influência que o externo detém sobre o interno, de maneira que a realidade violenta da sociedade refletisse na construção da narrativa fonsequiana. Nesse processo dialógico do meio com a obra, evidenciou-se também a intervenção existente do escritor, pois, a partir de suas experiências de vida e ideologias, a ficção segue por um caminho característico.

Em vista disso, conclui-se que a construção da sociedade transporta consigo distanciamentos que retiram oportunidades da vida de inúmeras pessoas marginalizadas. Tal como na realidade, o conto *Feliz Ano Novo* retratou, em sua diegese, a parcela da população que vive em situação de descaso e recorre a meios violentos na intenção de obter os subsídios básicos. Além disso, o conto apresenta o ambiente que os personagens estavam inseridos, de modo que o leitor pudesse se familiarizar não só com os espaços físicos, mas, também, com os fatores de caracterização social, tal como a linguagem utilizada. Além dessa circunstância, é importante ressaltar que, com a representação da elite em parte da narrativa, pode-se tornar evidente o contraste social responsável por retratar e segregar a coletividade do país.

Sendo assim, mediante ao meio e aos aspectos ideológicos do escritor, o conto ilustrou um cenário socialmente discriminatório encubido por executar uma dinâmica de exclusão com a população desfavorecida. Em razão desta marginalização, os personagens do conto encontravam-se em situação de extrema pobreza e buscavam na violência brutal recursos para suas sobrevivências. Em suma, o conto *Feliz Ano Novo*, através de uma crua denúncia social, traz o diálogo existente entre externo e interno, apresentando o cenário marginal que serve de rotina na vida de inúmeras pessoas na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BHABHA, Homi K.. Introdução: Locais da cultura. In: BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 1998. p. 19-42.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Ana Paula Lima; RODRIGUES, Manoel Freire. Pensamento crítico de Antonio Candido: algumas considerações. **Revista do GELNE**, Natal, v. 19, n. 2, p. 90-100 (2017).

FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OTSUKA, Edu. Literatura e sociedade hoje. **Revista Literatura e Sociedade**. Universidade de São Paulo, v. 14, n. 12 (2009).